

“Sem o infinito, eu não vivo”

Notas da assembleia das comunidades do Sul com Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional de Comunhão e Libertação. O encontro foi realizado no sábado, dia 6 de junho de 2020, por videoconferência

Colocação. Pensando no que Carrón propôs na Introdução de *O que nos arranca do nada?*, pensei em algumas coisas. Borges dizia que não considerava mais a felicidade inatingível, como ele acreditava uns tempos atrás. E ele sabia que podia acontecer a qualquer momento, mas não era uma coisa que deveria ser buscada. E quanto a fracasso e fama, ele dizia que era uma coisa completamente irrelevante que não o preocupava mais. O que ele buscava era paz, o prazer do pensamento e da amizade. E, ainda que parecesse demasiado ambicioso, a sensação de amar e de ser amado. Então achei bem propício à minha situação atual. Eu estava combatendo a solidão como uma obrigatoriedade muito grande, tentando dar sentido ao tempo que me restava. Apesar da proposta do isolamento, não me foi privado, por exemplo, nem paz, nem pensamento, nem amizade, pelo que eu sou grato e considero essencial. Então, na pergunta que foi proposta para o dia de hoje, eu estava me perguntando como me despojar do que é desnecessário, como realizar o salto de fé que é mencionado aqui, que é deitar fora o manto como o cego Bartimeu fez, já que gritar é a coisa que fazemos desde que nascemos. E o que é esse salto de fé que se faz necessário para purificar o coração e voltar a ter uma ingenuidade saudável de jovens, de crianças, uma paz genuína, um pensamento saudável, uma amizade... cálida? Que sustente – nas palavras de Dom Giussani – aquilo que é a companhia para o destino. Então acho que essa paz que vem, que é antecipada, vem como se na pergunta já estivessem os termos da resposta, como o vinho que se adivinha na uva ou a semente que ignora a árvore que pode vir a ser. Cheguei à conclusão de que há algumas coisas pelas quais temos necessariamente que passar, e essa percepção me deu uma paz, uma tranquilidade. Já não via o nada diante de mim porque algo ali surgiu. E isso me parece justamente o princípio do ver. Eu reconheço essa disponibilidade para viver a vida, pelo convívio que eu encontrei aqui no Movimento. Esse tem sido um jeito para desvendar o ver, o mistério de quem eu sou, de quem se é, em última instância. Esse bem que me parece destinado, eu imagino que não esteja longe do bem dos outros. Eu vinculo isso com uma referência, que tem a ver com a relação que cada um tem com Cristo. Ela deveria determinar a relação que a gente tem com todas as outras coisas, com o trabalho, com os amigos... é como se fossem os termos nos quais as coisas parecem postas. E isso é um grande bem. Mas, por algumas razões, quando focamos em certas coisas, como é o caso de se voltar para o nada, para o vazio, isso é perdido. Isso é cegueira.

Bracco. Nestes dias, com a pandemia, sinto muita pressão no trabalho, porque temos que trabalhar mais, vender mais, para tentar reduzir ao mínimo os efeitos negativos da situação, ainda mais com a disparada do câmbio, que para a empresa tem um reflexo muito ruim nos custos. Então eu acordo às sete da manhã já com o computador do lado. Se antes eu saía, ia à missa, tomava um cafezinho, chegava ao escritório e só depois de uma hora e meia abria o computador, agora às sete e meia todo mundo da equipe já está com o computador ligado. Tudo começa mais cedo e acaba mais tarde... Por que digo isto? Porque Dom Giussani dizia: “Como é diferente quando vamos trabalhar com a memória de Cristo!” Você disse que Cristo deveria fazer com que tratemos as coisas diferentemente, mas é bom ver o contrário. Nós vemos na nossa experiência como é diferente quando trabalhamos com a memória de Cristo, tendo-O no canto dos olhos,

tendo-O dentro do ambiente. Sabe quando uma criança brinca sabendo que a mãe está aí na cozinha, cozinhando? A criança não está falando com a mãe, está brincando em seu mundo com os brinquedos dela, mas dentro do horizonte do pensamento e da memória está a mãe. E, se por um instante ela percebe que a mãe saiu e não sabe por quê, vira tudo um pesadelo, vira tudo outra coisa. Quanto a nós, não gritamos assustados quando não percebemos a mãe. O efeito do niilismo num adulto é este: nós não gritamos, não começamos a chorar, não ficamos desesperados, mas entramos em outro clima; é outro clima. Como é diferente quando não há essa presença dentro do nosso radar, dentro do campo do wi-fi. E quando Ele está as cores, os perfumes, tudo é outra coisa. Eu fico mais sensível às coisas, elas passam a ser mais minhas, tanto as boas quanto as ruins; é um relacionamento diferente com elas, em que eu estou diferente, como uma criança que tem a consciência de ter a mãe e não fica dominada pelo nada. Porque quando nós adultos não temos essa presença não choramos, mas começamos a fazer as coisas uma depois da outra, pulamos de galho em galho, e chegamos à noite sem sequer ter-nos dado conta das coisas que vivemos, do niilismo em que estamos. Então lhe agradeço, porque foi a oportunidade de lembrar o que significa para nós esse niilismo; e quando estamos um pouco conscientes disso é uma graça, pois nos damos conta de como é diferente quando Ele está. Sem essa presença, é como se eu vivesse num vácuo.

Colocação. Assim como o Bracco contou, a pressão no meu trabalho também está muito forte. Eu vim para essa empresa no final do ano e a pandemia foi muito impactante, pois trabalhamos com publicidade, que é a primeira coisa a ser cortada. Em maio começamos a discutir sobre demissão, sobre como deixar as coisas em pé, e foi muito difícil para mim, pois faço parte da diretoria e foi a primeira vez que tive que lidar com a questão do emprego e da vida das outras pessoas. A princípio foi muito bonito, na verdade, mas depois tudo caiu num niilismo. Foi durante a Semana Santa que começamos a discutir sobre isso, na Quinta-feira Santa de Lava-pés, e não consegui assistir à missa do Papa porque estava numa reunião. E fiquei pensando: “Não é possível. Eu queria muito estar na missa, eu precisava estar na missa para viver isso!” E quando entramos no assunto me veio um estalo, e falei: “Olha, tudo bem falarmos sobre demissão e redução de custos, mas não é justo demitir ninguém agora por desempenho. Não é um cenário normal, não é justo mandar uma pessoa embora justo agora”. E depois me ajudou a conversa com uma amiga que me disse: “Esse é o serviço que ensina o Lava-pés. É, como se estivesse lavando os pés das pessoas”. Ainda assim, depois disso para mim foi muito difícil, pois tivemos um mês de maio muito duro e ficamos até a última semana sem nenhuma venda. Eu de verdade comecei a ter falta de ar: às sete da manhã me lembrava das coisas do trabalho, me lembrava de um e-mail que precisava mandar... Até agora eu me sinto ainda muito sobrecarregado, porque eu entendia que quanto melhor eu trabalhasse, quanto mais eu fizesse, algum emprego eu estaria salvando. E assim no mês de maio eu nem me lembrei de Cristo, passei em branco total por causa de toda essa loucura de trabalhar até muito tarde, de acordar muito cedo. E comecei a sentir que isso me fazia muito mal, que o niilismo era total, que era como se estivesse patinando, as coisas não andavam, os resultados não vinham, o meu esforço crescente não adiantava para nada; foi muito sufocante. No final de maio veio o reconhecimento de um milagre que aconteceu por termos conseguido salvar a equipe, não por mérito meu ou da própria equipe, talvez porque todo mundo estava querendo o bem de todo mundo, e não fazer o mal para as pessoas. No entanto, mesmo com esse resultado, demitimos duas pessoas, o que para mim foi duro, pois me vi numa situação niilista, sem conseguir falar na reunião que tínhamos combinado não demitir, que tínhamos combinado somente reduzir salários para não demitir. Ainda ecoa como uma dor por não ter dado conta, por

perceber que eu não dou conta, não dou conta sozinho. E perceber que não adiantou nada fazer todo o esforço. No final, eu vejo que o que mais me fez mal foi não ter ficado junto de Cristo, não ter tido a companhia d'Ele nesse momento de dificuldade. Queria também fazer um complemento, que vejo que a covid-19 tirou todo mundo da zona de conforto, tirou todo mundo de um “já sei”, de um “eu sei o que é”, ou “eu sei onde afogar as minhas mágoas”, tirou todas essas bases, e agora precisamos encontrar novas formas. E eu tenho a certeza de que todo mundo vai sair muito mais forte disso, porque já fiz essa experiência num momento de dificuldade. Mas é muito duro ao mesmo tempo, não é fácil para ninguém. Mas a certeza é de que o futuro é melhor, certeza de que a gente aprende e cresce com isso.

Colocação. Eu trabalho num posto de saúde e voltei para a unidade de saúde no dia 8 de maio, quando escrevi esta mensagem aos meus colegas: “Bom dia, queridos. Queria propor uma reflexão a vocês. O que estamos aprendendo nesse tempo de pandemia? Pergunto isso porque entendo que tudo o que acontece em nossa vida é para nossa evolução, para nosso aprendizado, e não é apesar do que vivemos, e sim através do que vivemos. Tenho me dado conta de como não tenho controle sobre a minha realidade. A realidade me é dada. O auge da consciência disso foi quando meu primeiro filho faleceu. Mas também isso agora vem à tona. Eu e minha parceira de trabalho estávamos com nove grupos terapêuticos em andamento, antes da pandemia. Estamos nos reinventando, aderindo à realidade: chamadas por vídeo para pequenos grupos de pacientes, atendimentos por telefone, criação de um programa de qualidade de vida no trabalho para os agentes comunitários de saúde, entregas de pacotinhos de esperança a pacientes da terapia comunitária, como formas de estarmos juntos e presentes, nos fazendo companhia. Atendimentos emergenciais a pacientes novos e agora também um grupo virtual de terapia comunitária. E agora meu retorno à unidade: atendimentos compartilhados, discussões de caso, atendimentos a colegas de trabalho... Quando estou com vocês, me sinto amada e cuidada: pelo olhar que dirigem a mim, por um sorriso, por uma avaliação, prontamente, a uma necessidade minha, por compartilharem casos, realizarmos discussões aprofundadas, poder filosofar juntos, por saber que posso dividir angústias e buscar ajuda a qualquer tempo; pelo cuidado com a sala que eu uso, pela parceria, respeito, carinho e amizade, e também pelo espaço físico em que a unidade é localizada: pelas áreas verdes em volta... Sinto-me grata por poder trabalhar nesta unidade e com vocês. Embora eu brinque que para mim o melhor da pandemia é poder trabalhar presencialmente, também estou aprendendo a olhar para os meus filhos de um jeito diferente, a curtir-los mais, a fazer coisas junto com eles. Ontem, enquanto eu fazia um bolo com meu filho, fiz a ele uma pergunta – daquelas que não devemos fazer: ‘Com quem você gosta mais de fazer bolo: com a mamãe ou com a babá?’, que é um poço de amor e paciência. Daí ele falou assim: ‘Com você, mamãe’. Eu: ‘Por quê?’. ‘Porque eu te amo’. Eu não precisava de nada melhor do que essa resposta. E outra coisa, que não é a última, mas perpassa todas as outras: como eu confio e acredito em Deus! Confio nos seus desígnios e que estou sendo cuidada e amada. Que nada foge aos seus planos. Fez um mês agora em abril que minha sogra faleceu. Foi muito difícil para mim, para meu marido, para nossa família. Mas também foi ocasião de nos darmos conta da perfeição dos planos de Deus: por conta de uma sucessão de fatos que aconteceram na vida dela, num modo como se ela tivesse cumprido sua missão, resolvesse alguns conflitos e mágoas do passado e pudesse ficar em paz. Enfim, deixo a pergunta: o que você tem aprendido neste tempo de pandemia?”.

Bracco. Pensei em duas coisas. A primeira é que, como o Carrón diz, queremos sair e vamos sair o mais rápido possível, mas não é óbvio que sairemos melhores, porque isso depende de como

julgamos as coisas que estamos vivendo. Por isso é importante a carta de Carrón em que falava dos apóstolos no barco – que poderiam ser como nós ao discutirmos sobre a pandemia, a política, as bagunças, o dia inteiro – tendo a companhia de Jesus. Imaginem que discutiam meio em pânico, um pouco desesperados, mas no fundo, no fundo, um diz ao outro: “Tenhamos fé, vamos sair disso”, mas esquecendo-se daquela presença que está lá, que está no barco! Por isso precisamos do que mais nos ajuda a ver se vamos crescer, se estamos crescendo neste tempo: verificar se há alguém ou uma experiência que me ponha perguntas. Como Jesus fez com os apóstolos. Os momentos mais críticos da vida dos apóstolos com Jesus não foram quando aconteceram milagres, quando, digamos assim, quando a esperança estava evidente como um fogo que se acendeu de repente, uma explosão. Mas momentos cruciais do crescimento dos apóstolos, como “eu”, foram quando Jesus lhes fez perguntas. Por exemplo: “Mas vocês também querem ir embora?” “Mas vocês não viram o que eu fiz?” Tudo começando com esse “mas”. “Mas vocês não se dão conta?” Por quê? Porque Ele sempre quer que a nossa fé nasça no extremo limite da dinâmica racional. Lembrem-se: se a fé não nasce como uma flor, é uma fé morta, é uma fé já sabida: nós achamos que temos fé, mas não é fé, pois só é fé quando nasce como uma flor. Quando sinto um perfume. O que significa? Quando vejo em mim algo que muda pela fé. Eu posso falar de fé, posso falar de esperança, mas no fundo, no fundo, não as ter, se não nasce como uma flor. Por que é importante a companhia, como a mãe com a criança, de que falei no início? Porque é um estímulo contínuo a que a minha razão não fique paralisada. Paralisada pelo medo ou... anestesiada. Ou paralisada ou anestesiada. Uma razão achatada. Qual é o efeito disso? Que nós podemos viver um monte de coisas, mas não nasce essa flor, a fé como uma flor. Não nasce a surpresa dessa presença, então não nasce a consciência de estarmos crescendo. O sinal de que estamos crescendo é se eu me dou conta de que estou crescendo, e essa consciência é o que temos que levar em conta neste tempo. Lembrem-se da frase de Dom Giussani que Carrón cita: a fé nasce no extremo limite da dinâmica racional, como uma flor. Senão é uma fé morta. E se é uma fé morta, não há esperança. O futuro fica incerto, o futuro é incerto porque se tem medo. E a moralidade também deixa de existir, pois ela também nasce por causa disso. Quando você vibra por uma presença, quando sente o perfume dessa presença, quer tratar tudo de uma forma tão bonita como é aquela presença. Quando não se tem essa experiência, você trata as coisas diferentemente. Não tem como. Portanto, não é óbvia a forma como vamos sair daqui.

A segunda coisa é: que bom que o seu filho diz: “Eu te amo”. Por quê? Poderia ter dito “não, gosto mais do bolo da babá”. Mas não, disse que gostava de você, do seu bolo, porque te ama. Mas sabe que, se ele lhe dissesse “Mãe, eu te amo” mil vezes por dia, por todos os dias, não lhe bastaria. Não bastaria. Essa é outra coisa do niilismo, que nos faz esquecer, impede que nos demos conta, sem medo, da natureza do nosso desejo. Eu pensei nestes dias: mas o que eu desejo? Passamos um dia inteiro só respondendo a solicitações de trabalho, querendo responder, desejando um monte de coisas. Mas muitas vezes chega a noite e você nem se deu conta de qual desejo, no fundo, te movia. Mas que desejo eu tenho? Vocês, qual é o desejo que vocês têm, agora? Se alguém parasse você na rua e lhe perguntasse: “O que você deseja?”, cada um de nós ficaria pensando um pouco. Por quê? Porque você sempre identifica alguma coisa. Ah, desejo ser amado, desejo que meu filho me diga que me ama sempre. Mas no fundo, no fundo, não basta. Então, além de ser amado, eu o amo, eu quero amá-lo assim todo o tempo, o mais possível. Mas também isso não me basta. Não preenche tudo. Há sempre alguma coisa que escapa aí. Eu quero ser útil, quero que o meu trabalho salve. Mas mesmo que tenha conseguido salvar todas as vagas neste mês, não me basta. Volto para casa e não me basta. Então, o que é esse desejo? Por que é bom esse desejo, se quase sempre há um furo dentro, que parece negativo? Esse é o aspecto do

niilismo, que faz ver o desejo daquilo que não basta como negativo. Ao contrário, quando acontece algo que nós reconhecemos na nossa experiência, que faz uma reviravolta, esse desejo muda de sinal. Não é mais uma coisa que murcha. É como algo que me enche, que me devolve todo o meu eu. Esse “não basta” é uma coisa grandiosa que eu tenho dentro de mim. É um infinito que tenho dentro de mim, não é uma bola que murcha. E sem o infinito, eu não vivo. O que dá dignidade ao meu caminho dentro da procura dos desejos da consciência do desejo é falar, com toda a consciência: “Sem o infinito, eu não vivo”. É por isso que é assim! E quando reconheço isso, é uma dignidade nova de tudo! De mim, do tempo, do que me é dado. Por quê? Porque eu posso lembrar, reencontrar, na minha vida, os traços pelos quais posso dizer que eu encontrei esses traços do infinito. Que eu encontrei! Não é um infinito que fugiu. Não é um infinito impossível. É um infinito que eu encontrei. Por quê? Porque fiz uma experiência que estava respondendo a esse meu desejo infinito; não a um pedaço. Não ao ser amado, porque eu fiz a experiência de ser amado, de ser muito amado. Eu faço experiências de amar, de amar muito. Eu faço experiências de trabalho, do gosto, muito! E não me basta. Mas eu fiz a experiência de algo que me preenchia... Era um vínculo, era reconhecer um vínculo. Reconhecer que cruzei o olhar com uma pessoa. Cruzei o olhar com esse infinito. E isso é todo dia, todo dia um encontro, todo dia uma busca, todo dia é uma falta... Como quando você está apaixonado. É um reflexo desse infinito que encontra você, mas não basta. Mas é um reflexo daquilo que é essa presença infinita que encontramos.

Mas falar do infinito pode ser uma loucura ou uma coisa de poetas... Pode ser algo que me devolve a mim mesmo. Eu estou aqui porque encontrei isso no Movimento... Eu estou no Movimento porque encontrei isso. Porque foi por causa disto: através das palavras de alguém, eu vi que era possível encontrar o infinito. Aliás: Ele me encontrou. Estou aqui por isso! Nós podemos esquecer, não acreditar mais que seja possível.

Colocação. Essa pergunta do texto, para mim, tem sido muito provocante: “O que nos arranca do nada?”. A partir dela, comecei a retomar um pouco estes meus dois meses e meio de confinamento. Eu estou trabalhando em casa, minha mulher também, os filhos estão estudando de casa, a mesma realidade de muitos. Assim me dei conta de que muitas coisas aconteceram, estão acontecendo nesse período, e me ajudam um pouco a responder isso. Por exemplo, eu participei de uma reunião da Companhia das Obras (CdO); até aquele dia eu estava muito bem, tranquilo, trabalhando de casa, na minha bolha. E de repente, ouvindo das pessoas o que estavam vivendo (desemprego, funcionários sem salário, etc.), pensei: “Meu Deus, eu estou aqui na minha bolha, aqui dentro de casa, e um monte de coisa acontecendo! Não estou fazendo nada! O que eu posso fazer?”. Ao mesmo tempo, retomando o texto da Revista Passos, entendi que tenho que viver o que me é dado no meu momento agora. Para mim é muito claro que me é pedido ficar em casa, trabalhando aqui, vivendo com a minha família aqui... Outro exemplo são as missas do Papa a que assisti, com homilias me provocaram muito. Houve uma em que ele falou muito da oração, e a partir dela começamos a rezar juntos todos os dias. Estou me dando conta de que esse se deixar provocar vai me ajudando um pouco a me arrancar do nada. Eu estava me dando conta de como nos primeiros dias foi bem difícil; estava trabalhando em casa, mas é como se eu não estivesse em casa. Era tudo igual. Um monte de coisa para fazer, e aquela correria... Mas na verdade eu estava como se estivesse na rua. Depois de uns dois meses de clausura, eu estava aqui olhando para a mata aqui em casa, divagando um pouco, e me dei conta: “Meu Deus, agora que me dei conta de como não sei estar em silêncio”. Eu estava em casa, mas ao mesmo tempo a agitação e a correria eram as mesmas. Então tudo isso tem me provocado a olhar para outra coisa.

Colocação. Na quarentena houve muitos desafios, parecia que não conseguíamos nos encontrar com os amigos do Movimento! Tínhamos o dia inteiro, mas o gastávamos com um monte de afazeres cotidianos novos, enfim... Mas começamos a fazer Escola de Comunidade pelo Zoom, e depois de alguns encontros me dei conta de como isso me fazia lembrar do encontro durante a semana. Comecei a perceber que me fazia ganhar a semana. Me ajudou bastante, porque muda muito a nossa rotina, muito isolada... E é fácil esquecer-se, a gente se determina até por cuidar das plantas, mas não lembra que é por causa de Cristo! A gente precisa da companhia para poder usar a razão adequadamente, para ter aquele canto de olho assim, de olho no infinito, trazendo o infinito, se dando conta dos traços do infinito presente aqui no cotidiano da quarentena. E a gente depende disso.

Bracco. Obrigado! Porque isso que você disse é exatamente para se dar conta. Essa é outra coisa que este momento pode nos mostrar, para crescermos como consciência. Para que serve a Escola de Comunidade? Poderia se tornar algo supérfluo: *vou, não vou, vamos fazer, não vamos fazer. Ah, foi bom, foi ruim. Gostei disto, gostei daquilo, não gostei...* Mas exatamente esse trabalho é como a companhia que Cristo nos deu para fazer esse trabalho que ele fazia com os apóstolos. Por isso que, sem esse trabalho, a nossa sensibilidade, a nossa possibilidade de interceptá-lo murcha, se reduz. Pelo contrário, quando a gente começa e faz isso com consciência, é uma outra possibilidade de se dar conta. Por quê? Porque permite reconhecer de novo a fé como aquela flor. Não como uma coisa óbvia. Mas isso não é óbvio, depende do caminho que cada um de nós fez.

Colocação. Eu e meu marido somos o casal mais velho da comunidade, aposentados, que agora só trabalha de casa. Então parece que estamos numa bolha. Mas não é bem assim! Porque normalmente temos que ir a São Paulo várias vezes para visitar nossos pais, que estão muito velhos, e com a quarentena veio uma angústia muito grande de como fazer isso. O que me sustentou nestes dias realmente foram os encontros virtuais que a gente tem feito. Tenho dois grupos de oração que só por uma graça podemos manter regularmente. Também as missas do Pe. Vando, a missa do Papa, a oração às cinco horas com amigas. E essa constância, junto com a Escola de Comunidade, me sustentou nesses dias; é o que acalmou, é o que respondeu ao meu coração. A mamãe também é uma pessoa de muita fé, e isso foi me acalmando e foi respondendo um dia após o outro a essas questões.

Colocação. Queria ficar com a provocação lançada aqui. Vamos ficar com a pergunta: “O que nós desejamos?”, olhando para nosso desejo. Porque assim quando também fazemos a Escola de Comunidade, ou as coisas que cada um tem que fazer no trabalho, na casa, no cotidiano, eu quero custodiar essa coisa que o Bracco apresentou para nós. Porque é verdade, só estamos aqui por causa desse desejo de infinito, que grita muito neste tempo. Tudo isso precisa muito ter um sentido, para mim é uma coisa que está muito desperta. E depois eu queria dar um aviso, porque se vocês entrarem no site do Movimento (www.cl.org.br), é uma explosão de coisas que estão acontecendo na América Latina, na Espanha, na Itália... Para não perder, para poder fazer memória da nossa história, do que aconteceu, como ver notícias do seu pai, dos seus amigos. E outra coisa é a Escola de Comunidade, eu não consigo parar de ler esse texto de Carrón: o ponto 3 (*A surpresa*) é impressionante.

Notas não revistas pelos autores.